

O Crescimento da Renda dos Adultos e as Escolhas dos Jovens entre Estudo e Trabalho

Pedro Cabanas, Bruno Komatsu,
Naercio Menezes Filho

O Crescimento da Renda dos Adultos e as Escolhas dos Jovens entre Estudo e Trabalho

Padro Henrique Fonseca Cabanas, Bruno Komatsu,

Naercio Aquino Menezes Filho

Pedro Henrique Fonseca Cabanas

Inspere Instituto de Ensino e Pesquisa

Centro de Políticas Públicas (CPP)

Rua Quatá, nº300

04546-042 - São Paulo, SP - Brasil

pedrohfc@insper.edu.br

Bruno Kawaoka Komatsu

Inspere Instituto de Ensino e Pesquisa

Centro de Políticas Públicas (CPP)

Rua Quatá, nº300

04546-042 - São Paulo, SP - Brasil

brunokk@insper.edu.br

Naercio A. Menezes Filho

Inspere Instituto de Ensino e Pesquisa

Centro de Políticas Públicas (CPP)

Rua Quatá, nº300

04546-042 - São Paulo, SP - Brasil

naercioamf@insper.edu.br

Copyright Inspere. Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução parcial ou integral do conteúdo deste documento por qualquer meio de distribuição, digital ou impresso, sem a expressa autorização do Inspere ou de seu autor.

A reprodução para fins didáticos é permitida observando-se a citação completa do documento.

O Crescimento da Renda dos Adultos e as Escolhas dos Jovens entre Estudo e Trabalho

Pedro Henrique Fonseca Cabanas

Bruno Kawaoka Komatsu

Naercio Aquino Menezes Filho

Centro de Políticas Públicas do Insper

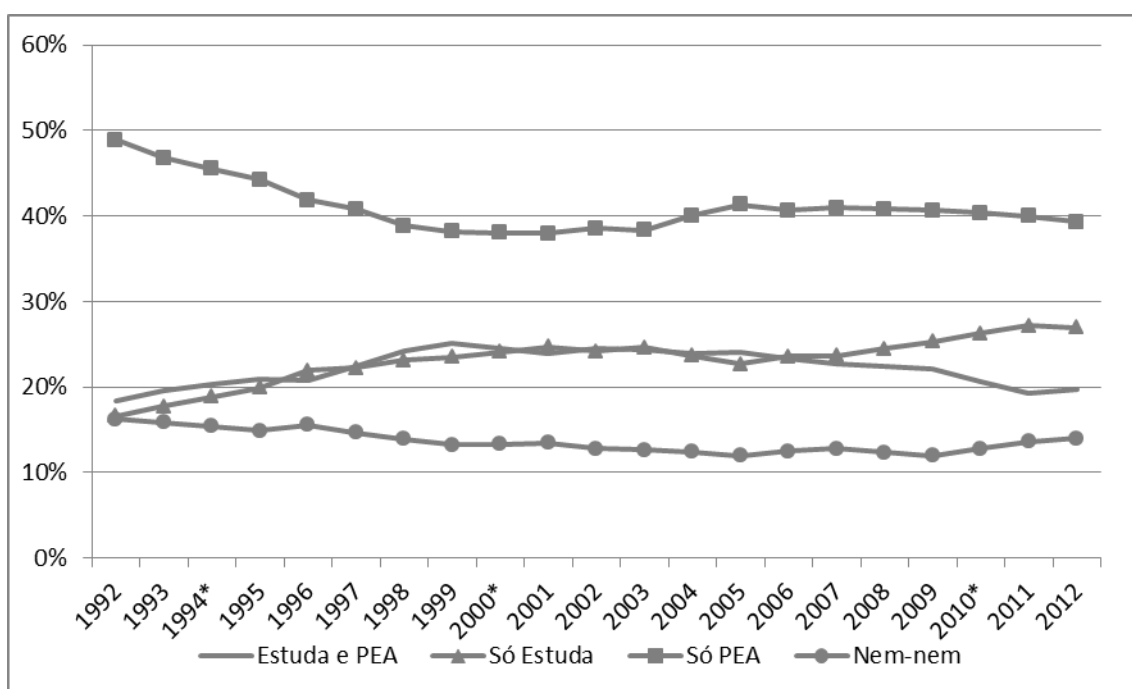
Resumo Executivo

Recentemente temos observado grandes transformações no panorama da educação e do mercado de trabalho, afetando principalmente os jovens. Constatamos um declínio na participação dos jovens no mercado de trabalho, um aumento na proporção dos que só estudam e também dos inativos que não estudam (“nem-nem”). Nesse artigo procuramos identificar os determinantes dessas transformações, focando especialmente nos efeitos da renda do trabalho dos adultos. Os resultados obtidos mostram que aumentos na renda dos adultos influenciam positivamente as probabilidades de estudo e negativamente as probabilidades de oferta de trabalho, variando segundo as características dos jovens e do domicílio.

1. Introdução

Nos últimos anos observamos grandes transformações no mercado de trabalho brasileiro, com reduzidas taxas de desemprego e alto nível de atividade econômica, ao mesmo tempo em que cai a taxa de participação dos jovens na População Economicamente Ativa (PEA). Diante desses fatos, surgem vários debates para abordar a questão da educação dos jovens e seu impacto sobre o mercado de trabalho, além da criação de novos programas de melhoria ao acesso à educação superior e, concomitantemente, um aumento no número de instituições e vagas na rede de ensino privado, demonstrando o movimento de busca dos jovens por melhor qualificação (Insper, 2013). Na Figura 1 podemos observar melhor esse padrão, com um significativo aumento na proporção de jovens que apenas estudam, redução entre os que estudam e são economicamente ativos, leve redução nos que são ativos apenas e um leve aumento nos que não estudam nem estão ativos.

Figura 1: Distribuição de Jovens (15 a 24 anos) por Situações de Atividade e Estudo

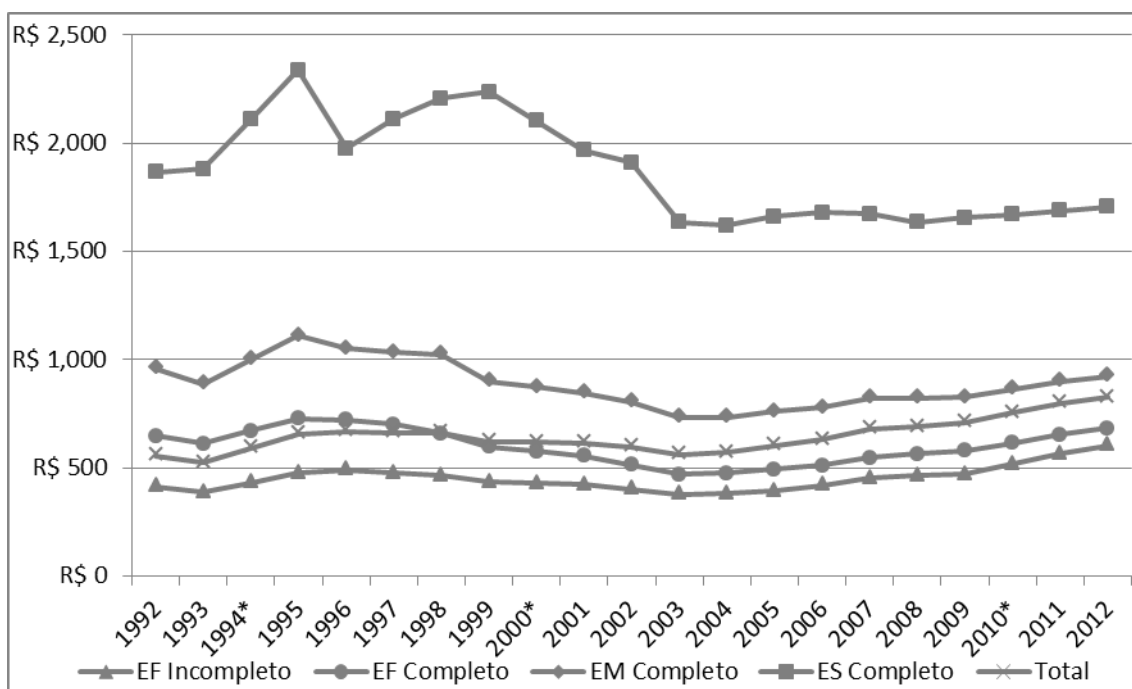


Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração Própria. Obs.: nos anos marcados com asterisco não foi realizada a PNAD, com isso fizemos uma média simples dos valores entre os anos anterior e posterior.

Esse quadro levanta diferentes interpretações sobre os determinantes das mudanças, entre os quais podemos citar, principalmente, o mercado de trabalho aquecido atraindo os jovens, visto que a renda média real desse grupo é crescente. Além disso, há uma maior dedicação aos estudos com o objetivo de obter melhores salários, em empregos que exigem mais

qualificação. No Brasil, o retorno obtido com a educação superior ainda é muito elevado em relação ao nível médio, como podemos observar na Figura 2. Sem controle por outros fatores, os formados no Ensino Superior (com 15 anos ou mais de estudo) apresentam salário médio real entre duas e três vezes maior do que aquele dos formados no Ensino Médio (com 11 ou mais anos de estudo). Ainda no final da década de 2000, esse fato mantém o Ensino Superior como foco de atração de jovens, quer se dediquem exclusivamente aos estudos, ou estudem e ofertam trabalho simultaneamente.

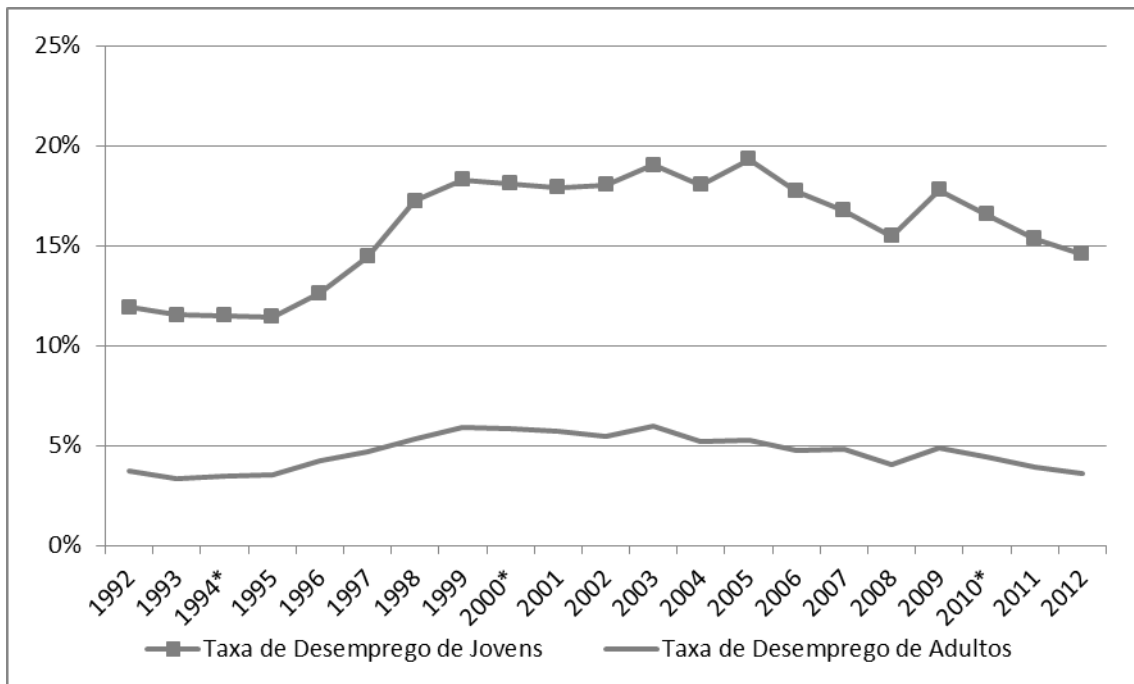
Figura 2: Renda Média dos Jovens (a preços constantes de 2012)



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração Própria

A taxa de desemprego, demonstrada na Figura 3, está caindo de forma quase constante desde o início da década de 2000, indicando que a economia está proporcionando um mercado de trabalho favorável tanto para jovens (15 a 24 anos) quanto para adultos (30 a 70 anos).

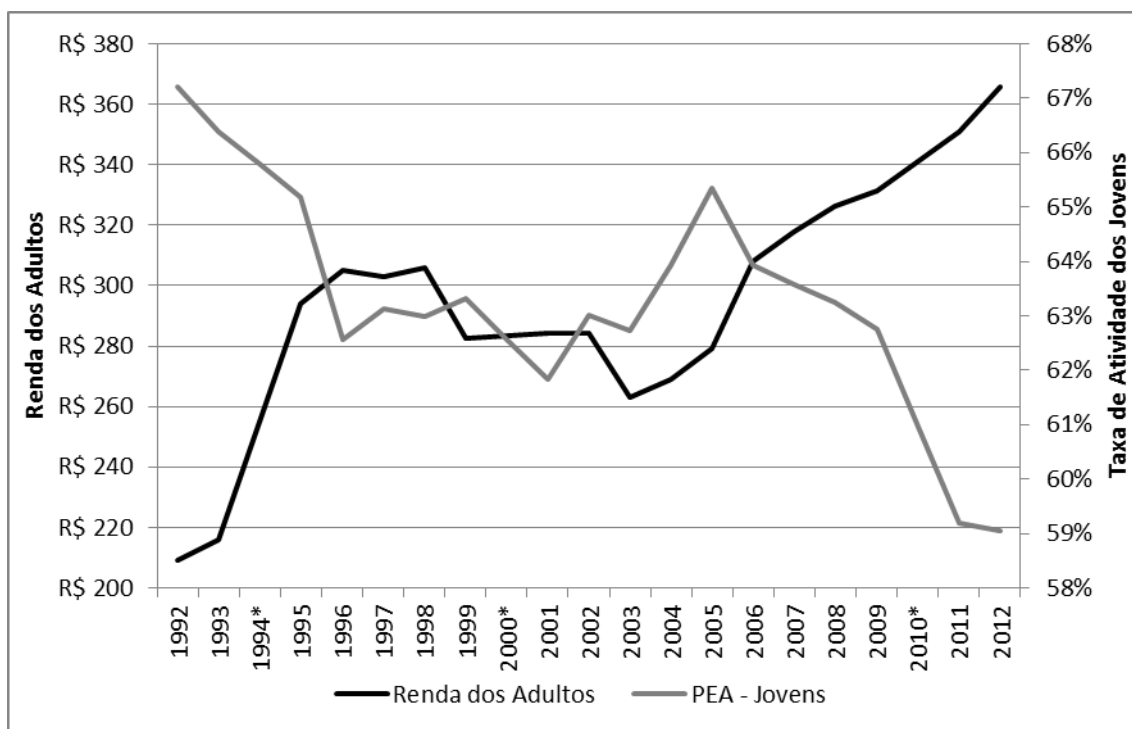
Figura 3: Taxa de Desemprego



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração Própria

Mesmo com o mercado de trabalho aquecido, a taxa de participação dos jovens vem se reduzindo nos últimos anos o que nos leva a testar a principal hipótese desse trabalho, de que o aumento recente da renda domiciliar dos trabalhadores adultos, demonstrado na Figura 4, reduz a probabilidade dos jovens ofertarem trabalho. O efeito da renda dos pais pode levar ao crescimento da proporção de jovens que escolhem se dedicar integralmente aos estudos, pois permite que o jovem dedique mais tempo aos estudos sem necessitar ofertar trabalho ou alocando menos tempo para trabalhar. Por outro lado, o aumento da renda dos pais pode levar ao crescimento dos jovens que não ofertam trabalho e que também não estudam, os chamados nem-nem.

Figura 4: Renda Média dos Adultos (a preços constantes de 2012) e Taxa de Atividade dos Jovens



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração Própria

O presente estudo possui como objetivo investigar com maior detalhe os determinantes das decisões dos jovens de permanência e maior dedicação aos estudos e também sobre os aspectos que favorecem a entrada ou saída do mercado de trabalho. Para investigar os efeitos de variáveis socioeconômicas e domiciliares sobre a probabilidade de trabalho e de estudo nós utilizamos o modelo Logit Multinomial, que modela as probabilidades condicionais de alocação em categorias da variável dependente discreta, nesse caso com quatro opções de situação de educação e atividade: estuda e participa da PEA, só estuda, só participa da PEA, e não estuda e não participa da PEA. Além disso, realizamos interações de variáveis relevantes para observar seu efeito isoladamente, e simulações com valores selecionados dos regressores, podendo assim ver o efeito de mudanças sobre as chances dos jovens tomarem decisões de mudança de situação. Nossos resultados mostram que os fatores que influenciam as probabilidades estão baseados no domicílio do jovem, principalmente relacionado ao recente aumento da renda domiciliar dos adultos. Esse aumento eleva a probabilidade dos jovens estudarem e reduz a probabilidade de oferta de trabalho, no entanto, fatores como o nível de educação dos pais e até mesmo o nível de educação do jovem alteram a magnitude

desses impactos. Constatamos que o efeito positivo do aumento de renda dos pais é maior quando eles possuem maior grau de escolaridade.

2. Revisão Bibliográfica

O debate sobre as decisões de estudo e trabalho dos jovens está sendo constantemente revisado. Corseuil, Santos e Foguel (2001) relataram diversos fatores relevantes para a alocação do tempo entre os jovens de quatro países da América Latina incluindo o Brasil, e entre os principais determinantes, a educação dos pais, a presença de crianças e/ou idosos no domicílio e fatores institucionais e/ou culturais são decisivos sobre a escolha do jovem. Nesse caso, a influência ocorre pelo aumento na probabilidade dos filhos estudarem quando os pais possuem maior escolaridade, independentemente do sexo do jovem e do país analisado, mostrando que a educação dos pais tem um papel fundamental como influência, se tornando um ciclo de incentivos aos jovens. Trabalhos realizados por Nguyen e Taylor (2003) corroboram as hipóteses mencionadas sobre o importante papel da escolaridade dos pais na escolha dos filhos estudarem em uma instituição de ensino superior privada de quatro anos de duração, nesse caso utilizando dados dos Estados Unidos da América e para jovens recém-graduados no ensino médio. Outras influências significativas são encontradas, como etnia e sexo dos jovens, com maior probabilidade dos não brancos se matricularem no ensino superior em busca de visibilidade no mercado de trabalho, e também a influência negativa do aumento no número de crianças no domicílio sobre a decisão de cursar o ensino superior em detrimento da oferta de trabalho.

Silva e Kassouf (2002) identificaram a preferência dos jovens no Brasil pela oferta de trabalho, sendo que a baixa escolaridade dos adultos brasileiros exerce um papel importante nessa tendência. Esse fato possui uma ligação direta com os resultados encontrados, revelando que a maior escolarização dos chefes de família leva à maior probabilidade de escolha dos jovens pelos estudos, principalmente entre os residentes de áreas urbanas. Além disso, foi constatado que o avanço da idade do jovem reduz muito sua probabilidade de estudar, pois o mercado de trabalho vai se tornando mais atrativo ao oferecer maiores salários, o que acaba elevando o custo de oportunidade do estudo. Quando somado às necessidades de consumo do jovem, esse fato leva os estudos ao segundo plano, ou até mesmo ao abandono dos estudos e à dedicação integral ao mercado de trabalho.

Camarano e Kanso (2012) identificaram que a renda domiciliar e a educação dos chefes de família são fatores importantes para a decisão dos jovens. A maioria dos jovens que não

estudam e nem estão ativos no mercado de trabalho vivem em domicílios de baixa renda, nos quais os jovens dedicam-se a tarefas domiciliares e dependem mais da renda do chefe da família, principalmente entre as mulheres. Além disso, o atraso escolar e o baixo nível educacional dos jovens podem ser determinantes do número total e na taxa de crescimento dos chamados “nem-nem”, sendo que estes provavelmente enfrentarão dificuldades de inserção e continuidade no mercado de trabalho, como relatado por Menezes-Filho, Cabanas e Komatsu (2013).

Outro fator relevante para a situação dos jovens no Brasil é a dinâmica do mercado de trabalho. Flori (2005) mostra que a alta taxa de desemprego dos jovens vai além da dificuldade de encontrar o primeiro emprego e está mais relacionada com a alta rotatividade nos postos de trabalho. Ou seja, os jovens encontram empregos, porém não conseguem se estabilizar em suas funções e retornam ao desemprego contribuindo assim pra alta taxa de desemprego dos jovens em relação à dos adultos. Essas análises são importantes para uma discussão profunda sobre a situação juvenil, especialmente no Brasil, onde a educação básica na rede pública é muito deficiente, e, como citado anteriormente, uma melhor qualificação é essencial para a entrada do jovem no mercado de trabalho com renda significativamente maior do que os que não realizaram estudos de forma adequada.

3. Descrição dos Dados e Metodologia

Para as regressões realizadas nesse trabalho, utilizamos os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trata-se de uma pesquisa amostral domiciliar que investiga temas diversos, como educação, trabalho, fecundidade e migração, possuindo abrangência sobre todo o território nacional a partir de 2004. Utilizamos dados agrupados entre os anos 1992 e 2012. Até 2003 as áreas rurais dos estados da Região Norte, exceto o Tocantins, não eram abrangidas pela pesquisa e, para manter a compatibilidade entre os anos, as desconsideramos entre 2004 e 2012. Além disso, consideramos para análise somente a amostra de jovens com idade entre 15 e 24 anos.

As variáveis utilizadas nesse estudo estão reportadas na Tabela 1, juntamente com algumas estatísticas descritivas. A variável dependente será de situação de estudos e participação no mercado de trabalho, com quatro categorias: estuda e participa da PEA, só estuda, só participa da PEA, e não estuda e nem participa da PEA.

Tabela 1: Médias das Variáveis para Jovens

Variável	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
<i>Dummy</i> Situação 1 - Estuda e PEA	0,224	0,417	0	1
<i>Dummy</i> Situação 2 - Estuda e Não PEA	0,240	0,427	0	1
<i>Dummy</i> Situação 3 - Não Estuda e PEA	0,399	0,490	0	1
<i>Dummy</i> Situação 4 - Não Estuda e Não PEA	0,138	0,344	0	1
<i>Dummy</i> de Sexo Feminino	0,501	0,500	0	1
<i>Dummy</i> de Formado no EM	0,250	0,433	0	1
<i>Dummy</i> de Formado no EF	0,554	0,497	0	1
<i>Dummy</i> de Cor Branca	0,451	0,498	0	1
<i>Dummy</i> de Adulto no Domicílio	0,830	0,376	0	1
<i>Dummy</i> de Idoso no Domicílio	0,061	0,239	0	1
<i>Dummy</i> de Crianças no Domicílio	0,341	0,474	0	1
Nº de Crianças no Domicílio	0,494	0,820	0	13
<i>Dummy</i> de Pai ou Mãe no Domicílio	0,679	0,467	0	1
Renda Média dos Adultos (/1000)	0,290	0,713	0	128,95
Renda Média por UF (/1000)	1,192	0,370	0,450	2,796
Taxa de Desemprego dos Jovens	0,170	0,047	0,029	0,354

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração própria.

As variáveis independentes foram escolhidas conforme aquelas presentes na literatura empírica sobre o tema e discutida na seção anterior. Definimos adultos os indivíduos com entre 30 e 70 anos e os idosos aqueles com mais de 70 anos. Para a variável de renda média dos adultos adotamos uma média domiciliar per capita apenas para os domicílios em que havia jovens moradores, sendo essa a principal variável de interesse nesse estudo. Essa variável foi definida como a soma dos rendimentos provenientes de todos os trabalhos dos adultos do domicílio, dividida pelo total de pessoas no mesmo.

Adotamos duas variáveis de mercado de trabalho, a renda média estadual do total de ocupados e a taxa de desemprego estadual somente dos jovens. Todas as rendas foram deflacionadas para valores em reais de outubro de 2012, através do deflator proposto por Corseuil e Foguel (2002) com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) de IBGE. Como a variável dependente será a situação do jovem, os dados utilizados serão apenas das observações dos indivíduos que possuem entre 15 e 24 anos. Entre as *dummies* utilizadas, temos sexo feminino, formado no Ensino Médio (EM), formado no Ensino Fundamental (EF), raça/cor branca, presença de adultos, idosos ou crianças no domicílio e presença dos pais no domicílio. Também foram incluídas na base de dados e nas regressões *dummies* de ano, idade

dos jovens e unidades da federação, porém são ocultadas nas tabelas para melhor visualização.

Para calcular o impacto de cada variável sobre a probabilidade de escolha dos jovens, será utilizado o modelo econométrico Logit Multinomial tendo como variável dependente as situações de escolha, cada uma assumindo um valor discreto: estudar e ofertar trabalho (1), apenas estudar (2), apenas ofertar trabalho (3), e não estudar nem ofertar trabalho (4).

Dessa forma, temos:

Situações: $j = 1, 2, 3, 4$

Indivíduos: $i = 1, 2, \dots, N$

Previsor Linear para o indivíduo i : $X_i\beta_j$

O Logit Multinomial modela a probabilidade do indivíduo i escolher a situação j como:

$$P(Y_i = j) = P_{ij} = \frac{\exp(X_i\beta_j)}{1 + \sum_{k=1}^3 \exp(X_i\beta_k)}, \quad j = 1, 2, 3 \quad (1)$$

onde X_i é o vetor de variáveis independentes do indivíduo i . Nesse caso, para garantir identificação utilizamos a categoria dos jovens que não estuda e nem participam da PEA, também chamados de “nem-nem” (categoria 4) como base, de modo que β_4 foi normalizado para zero e os coeficientes são interpretados com relação àquela categoria. Para todos os indivíduos da amostra temos:

$$P(Y_i = j) = P_j = \frac{\exp(X\beta_j)}{1 + \sum_{k=1}^3 \exp(X\beta_k)}, \quad j = 1, 2, 3 \quad (2)$$

Nós calculamos as probabilidades previstas médias (\bar{P}) nos pontos médios de cada variável independente e imputando a variável sendo examinada em determinados valores. Seja w a característica de interesse. Para os valores $w = \{w_1, \dots, w_L\}$, as probabilidades previstas foram calculadas como:

$$\{\bar{P}(y = j | \bar{X}, w = w_1), \dots, \bar{P}(y = j | \bar{X}, w = w_L)\} \quad (3)$$

onde $\bar{X} = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N X_i$, é a matriz de médias das características observáveis, e $\hat{P}(\cdot)$ é calculada com os coeficientes estimados e com a equação (2).

4. Resultados e Discussão

4.1. Logit Multinomial

Os resultados da regressão com o Logit Multinomial para as situações de estudo e participação na PEA estão relatados na Tabela 2. É interessante notar que a maioria dos coeficientes estimados é significativa, exceto a renda por UF no caso dos que estudam e estão na PEA, para a taxa de desemprego dos jovens por UF, que não é significativa para nenhum dos casos, e para a constante no caso dos que apenas estudam.

Em primeiro lugar, ressaltamos a importância da renda domiciliar dos adultos como um fator positivo para a escolha de estudar dos jovens, desde o início no Ensino Fundamental até o Ensino Superior. Como retratado na Figura 4, o recente aumento da renda média dos adultos e principalmente dos chefes de família torna possível manter o jovem nos estudos, seja exclusivamente dedicado ou trabalhando simultaneamente. Já o impacto da renda dos adultos sobre a dedicação à atividade econômica do jovem é negativo, podendo manter ou incentivar o estudo, mas também podendo levar à inatividade, visto que o grupo dos chamados “nem-nem” teve expressivo crescimento nos anos recentes.

Ao analisar os impactos das demais variáveis explicativas encontramos alguns resultados interessantes. Caso o jovem seja do sexo feminino, a probabilidade de estar em todas as situações diferentes da base é negativa, mostrando que a situação “nem-nem” é mais frequente para as mulheres. O impacto de ser formado no Ensino Médio é negativo para as duas situações de estudo e positivo para a participação na PEA, evidenciando que o mercado de trabalho aquecido acaba atraindo parte dos jovens mais qualificados e que a continuidade dos estudos pós Ensino Médio possui custo de oportunidade relativamente maior, apesar do diferencial de salário dos graduados em relação aos formados no Médio.

Outro aspecto interessante observado é a influência positiva para o estudo quando existe a presença do adulto e/ou do idoso no domicílio. Além disso, há impacto negativo da presença de crianças sobre as probabilidades de não ser “nem-nem”, acentuado no caso de haver mais crianças no domicílio. Esse fato pode ser explicado pela necessidade dos jovens cuidarem das crianças presentes, não podendo estudar nem ofertar trabalho. A presença dos pais no domicílio tem efeitos positivos sobre as probabilidades de qualquer situação, relativamente aos “nem-nem”, o que mostra a importante influência da estrutura familiar.

Tabela 2 – Coeficientes Estimados do Logit Multinomial

Variáveis Independentes	Situações			
	Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem (base)
Sexo Feminino	-1,179*** (0,0262)	-0,554*** (0,0227)	-1,622*** (0,0401)	-
Jovem Formado no Ensino Médio	-0,634*** (0,0999)	-0,826*** (0,122)	0,447*** (0,0276)	-
Jovem Formado no Ensino Fundamental	1,525*** (0,0379)	1,622*** (0,0355)	0,285*** (0,0255)	-
Cor Branca	0,0841*** (0,0128)	0,205*** (0,0175)	-0,0915*** (0,0157)	-
Adulto no Domicílio (30 a 70 anos)	0,251*** (0,0306)	0,508*** (0,0328)	-0,0446* (0,0228)	-
Idoso no Domicílio (mais de 70 anos)	0,177*** (0,0197)	0,381*** (0,0190)	-0,149*** (0,0154)	-
Criança no Domicílio (6 anos ou menos)	-0,560*** (0,0267)	-0,597*** (0,0223)	-0,215*** (0,0179)	-
Número de Crianças no Domicílio	-0,191*** (0,0119)	-0,263*** (0,0120)	-0,0753*** (0,00847)	-
Renda Média Domiciliar dos Adultos	0,395*** (0,0340)	0,695*** (0,0379)	-0,190*** (0,0285)	-
Renda Média por UF	0,0621 (0,136)	0,161 (0,186)	-0,212* (0,117)	-
Tx. Desemprego dos Jovens Média por UF	0,623 (0,653)	0,116 (0,559)	0,644* (0,382)	-
Presença de Pai ou Mãe no Domicílio	0,776*** (0,0297)	0,814*** (0,0258)	0,250*** (0,0283)	-
<i>Dummies</i> de Idade	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> de UF	Sim	Sim	Sim	-
<i>Dummies</i> de Ano	Sim	Sim	Sim	-
Constante	0,474*** (0,170)	0,451* (0,241)	1,222*** (0,151)	-
Pseudo R ²	0,199			
Número de Observações	1.235.329			

Fonte: Elaboração própria.

Erro-padrão robustos em parênteses.

Significância dos coeficientes: *** 1%; ** 5%; * 10%.

Calculamos as probabilidades previstas de cada variável binária mantendo as demais variáveis nos valores médios, conforme a equação (3). Os resultados encontrados são relatados na Tabela 3.

Tabela 3: Probabilidades Previstas para Variáveis Indicadoras

Dummies		Situação			
		Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem
Sexo Feminino	Não	28,3%	13,3%	50,9%	7,5%
	Sim	25,6%	22,6%	29,7%	22,1%
Jovem Formado no EF	Não	17,9%	10,9%	51,3%	19,9%
	Sim	36,4%	24,5%	30,2%	8,8%
Jovem Formado no EM	Não	31,4%	21,2%	34,6%	12,8%
	Sim	17,9%	10,0%	58,3%	13,8%
Cor/Raça Branca	Não	27,2%	16,6%	42,6%	13,5%
	Sim	28,9%	19,9%	37,9%	13,2%
Adulto no Domicílio	Não	25,3%	13,2%	46,6%	14,9%
	Sim	28,5%	19,2%	39,1%	13,1%
Idoso no Domicílio	Não	27,8%	17,7%	41,0%	13,5%
	Sim	30,8%	24,0%	32,7%	12,5%
Pai ou Mãe no Domicílio	Não	22,2%	14,0%	45,8%	18,0%
	Sim	30,8%	20,1%	37,5%	11,5%
Crianças no Domicílio	Não	30,0%	19,6%	38,5%	11,9%
	Sim	24,2%	15,2%	43,8%	16,7%

Fonte: Elaboração própria.

As probabilidades calculadas para as quatro situações de estudo e atividade também revelam resultados interessantes. Para as observações de jovens do sexo feminino temos uma clara distinção, com uma probabilidade maior das mulheres se dedicarem exclusivamente aos estudos (em 9,3 pontos percentuais) ou de não estudarem nem trabalharem (em 14,6 p.p.). Entre os homens, há uma evidente dedicação exclusiva ao mercado de trabalho em relação às mulheres (com uma diferença de 21,3 p.p.). Para escolaridade, ser formado no Ensino Fundamental aumenta as probabilidades das duas situações de estudo, especialmente aquela concomitante com a participação na PEA (18,5 p.p. maior). Além disso, essa condição reduz a probabilidade de participação exclusiva na PEA (em 21 p.p.) ou de ser “nem-nem” (em 11 p.p.). Observamos que o Ensino Médio completo se traduz em uma redução significativa (de 11 p.p.) nas probabilidades das duas situações de estudos e uma alta probabilidade (23,7 p.p. maior) de somente participar da PEA.

A presença de adultos, idosos ou pais no domicílio aumenta a probabilidade do jovem estudar, enquanto a presença de crianças leva à maior probabilidade de abandono dos estudos e maior dedicação ao mercado de trabalho ou à situação “nem-nem”, devido à demanda por cuidados às crianças presentes no domicílio. Já para a variável de cor/raça, as mudanças de probabilidade mais importantes são de apenas estudar, 3,3 p.p. maior para brancos, e de apenas ofertar trabalho, 4,7 p.p. menor para o mesmo grupo.

Para uma análise mais geral dos jovens e dos efeitos da renda sobre as probabilidades realizamos simulações de mudanças nas rendas dos adultos. As probabilidades calculadas para diferentes faixas de renda estão relatadas na Tabela 4.

Tabela 4: Probabilidades Previstas para Renda dos Jovens e Renda dos Adultos

Renda dos Adultos (em R\$)	Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem
200	27,4%	17,2%	41,7%	13,6%
300	28,1%	18,2%	40,3%	13,4%
400	28,7%	19,2%	38,9%	13,2%
500	29,4%	20,2%	37,5%	12,9%

Fonte: Elaboração própria.

*Significância dos coeficientes: *** 1%; ** 5%; * 10%.*

Para as duas simulações de mudança de probabilidades, segundo as duas variáveis de renda, foram escolhidos alguns valores fixos de acordo com as médias observadas na Figura 4, com intervalos de R\$100. O efeito da renda sobre as probabilidades são claros. Na Tabela 4 se verificam efeitos positivos sobre as chances de o jovem estudar, mais intensos sobre a probabilidade de somente estudar. Frente a uma mudança na renda média dos adultos de R\$200 para R\$500, se observa com um aumento de 2 p.p. na probabilidade de estudo e oferta de trabalho, e de 3 p.p. para apenas estudar. Da mesma forma que a renda dos jovens, o aumento da renda dos adultos reduz a probabilidade de participação exclusiva na PEA em 4,25 p.p., o que corrobora os resultados obtidos na literatura e evidencia a importância da renda domiciliar na manutenção dos jovens no Ensino Fundamental, Médio ou Superior, público ou privado.

4.2. Logit Multinomial com Termos de Interação

Antes de analisarmos melhor o impacto das mudanças na renda dos adultos, realizamos algumas regressões semelhantes àquela reportada na Tabela 2, porém adicionadas de um termo de interação para capturar como os efeitos dessa renda variam com os valores de

algumas *dummies* de escolaridade dos adultos e dos jovens. Apresentamos na Tabela 5 os efeitos parciais estimados da renda dos adultos nas regressões com as interações, em cada um dos casos diferenciados pelas *dummies*.

Tabela 5: Efeitos Marginais

Interações			Situação			
			Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem
Modelo Sem Interações			0,066***	0,097***	-0,142***	-0,021***
Renda dos Adultos	Adulto Formado no EM	Não	0,015***	0,005	-0,019***	-0,001
		Sim	0,069***	0,136***	-0,171***	-0,034***
	Adulto Formado no ES	Não	0,053***	0,081***	-0,112***	-0,022***
		Sim	0,068***	0,138***	-0,173***	-0,033***
	Jovem Formado no EF	Não	0,052***	0,069***	-0,074***	-0,048***
		Sim	0,051***	0,107***	-0,141***	-0,018***
	Jovem Formado no EM	Não	0,023***	0,11***	-0,091***	-0,042***
		Sim	0,076***	0,067***	-0,151***	0,008***

Fonte: Elaboração própria.

Erro-padrão robustos em parênteses.

*Significância dos coeficientes: *** 1%; ** 5%; * 10%.*

No modelo sem interações, fica claro que a partir dos níveis médios dos regressores, um aumento marginal da variável de renda dos adultos (cuja unidade é de R\$ 1.000) leva a uma redução razoável da probabilidade da participação exclusiva no mercado de trabalho e a uma leve redução da probabilidade da situação “nem-nem”. Essas reduções são compensadas com o crescimento das probabilidades das situações de estudos, um pouco mais acelerado no caso de dedicação exclusiva.

Com relação aos dados de educação dos adultos, verificamos que há um incremento no efeito positivo do aumento da renda dos adultos que possuem maior escolaridade sobre a escolha de estudar dos jovens, e com efeito negativo para ofertar trabalho e para a situação “nem-nem”. Note que em domicílios em que os adultos não possuem o Ensino Médio completo, inclusive, os efeitos da renda se limitam somente às situações que incluem a oferta de trabalho. Esse resultado mostra que não apenas a renda é importante para influenciar a escolha dos jovens

estudarem mais e trabalharemos menos, mas também a escolaridade dos pais é relevante para aumentar ainda mais o efeito da renda dos adultos.

Nas especificações com interações entre a renda dos adultos e a escolaridade dos jovens, os efeitos da renda não parecem crescer monotonicamente em intensidade com o aumento da escolaridade em todos os casos. A diferenciação entre formados e não formados no Ensino Fundamental mostra que, com a escolaridade menor, o crescimento da renda dos adultos possui importância relativa maior para a redução da probabilidade da situação “nem-nem”. Por outro lado, com uma maior escolaridade, o aumento da renda dos adultos leva à variação mais positiva da probabilidade de dedicação exclusiva aos estudos, e mais negativa da probabilidade de oferta de trabalho exclusiva.

No caso da variável indicadora dos formados no Ensino Médio, os efeitos da renda sobre os mais escolarizados novamente são mais negativos na redução da probabilidade de dedicação integral ao mercado de trabalho, porém é possível verificar o efeito positivo importante sobre a probabilidade de estudos e participação na PEA. O efeito sobre a dedicação exclusiva aos estudos é menos importante nesse nível de escolaridade, o que indica uma maior atratividade do mercado de trabalho. Além disso, ainda com essa escolaridade, o aumento da renda dos adultos leva a um pequeno crescimento da situação “nem-nem”, o que pode ser explicado pela relação entre a renda dos adultos e o salário de reserva desses jovens.

Para tornar esses resultados mais concretos, realizamos simulações que mostram quais seriam as probabilidades de cada situação, caso a renda dos adultos assumisse valores entre R\$200 e R\$400.

Na Tabela 6, verificamos a influência da educação dos adultos sobre as probabilidades de escolha dos jovens, para determinar se o efeito da educação é tão importante com o efeito da renda dos adultos, apesar de ambos serem correlacionados. Os cálculos das probabilidades seguem o mesmo padrão da tabela anterior e mostram que o maior nível educacional dos adultos do domicílio torna os efeitos de sua renda mais positivos sobre as probabilidades de escolha das situações de estudo dos jovens e mais negativos sobre as demais situações.

Tabela 6: Probabilidades Previstas com Interações de Renda dos Adultos com Variáveis Educacionais dos Adultos

Interação		Situação				Variação (R\$400 - R\$200) (p.p.)			
Dummy	Renda dos Adultos	Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem	Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem
Adulto Formado no EM	R\$ 200	30,0%	20,6%	37,0%	12,3%				
	Não R\$ 300	30,2%	20,7%	36,8%	12,3%	0,31	0,11	-0,39	-0,03
	R\$ 400	30,4%	20,7%	36,7%	12,3%				
	Sim R\$ 200	31,3%	23,1%	33,9%	11,7%				
	R\$ 300	32,1%	24,4%	32,1%	11,4%	1,42	2,70	-3,44	-0,67
	R\$ 400	32,7%	25,8%	30,4%	11,0%				
Adulto Formado no ES	R\$ 200	30,5%	21,7%	35,8%	12,0%				
	Não R\$ 300	31,1%	22,5%	34,6%	11,8%	1,08	1,61	-2,25	-0,44
	R\$ 400	31,6%	23,3%	33,5%	11,6%				
	Sim R\$ 200	31,0%	22,7%	34,5%	11,9%				
	R\$ 300	31,7%	24,1%	32,7%	11,5%	1,41	2,73	-3,49	-0,65
	R\$ 400	32,4%	25,4%	31,0%	11,2%				

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 7 mostra as probabilidades previstas para o aumento da renda dos adultos com *dummies* de escolaridade dos jovens. Nesse caso, o aumento da renda dos adultos de R\$ 200 para R\$400 leva a respostas que variam de acordo com a escolaridade do jovem, mas o padrão geral se mantém: o aumento da probabilidade das duas situações de estudos e redução das probabilidades da participação exclusiva na PEA e da situação “nem-nem”. A redução dessa última é relativamente maior entre os menos escolarizados. Os mais escolarizados, com o Ensino Médio completo, respondem ao aumento da renda dos adultos com um pequeno crescimento da probabilidade de se tornarem “nem-nem” e com o crescimento mais equilibrado entre as probabilidades das duas situações de estudos.

Tabela 7 - Probabilidades Previstas com Interações da Renda dos Adultos e com Variáveis Educacionais dos Jovens

Interação		Situação				Variação (R\$400 - R\$200) (p.p.)				
Dummy	Renda dos Adultos	Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem	Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem	
Jovem com EF Completo	Não	R\$ 200	17,3%	10,3%	52,8%	19,6%				
		R\$ 300	17,8%	11,0%	52,1%	19,1%	1,05	1,39	-1,49	-0,95
		R\$ 400	18,3%	11,7%	51,4%	18,6%				
	Sim	R\$ 200	35,9%	23,6%	31,4%	9,0%				
		R\$ 300	36,5%	24,7%	30,0%	8,8%	1,02	2,15	-2,82	-0,36
		R\$ 400	37,0%	25,8%	28,6%	8,7%				
Jovem com EM Completo	Não	R\$ 200	30,8%	20,2%	36,0%	12,9%				
		R\$ 300	31,1%	21,3%	35,1%	12,5%	0,44	2,20	-1,81	-0,83
		R\$ 400	31,3%	22,4%	34,2%	12,1%				
	Sim	R\$ 200	16,7%	9,7%	59,9%	13,7%				
		R\$ 300	17,5%	10,4%	58,4%	13,8%	1,52	1,34	-3,03	0,17
		R\$ 400	18,2%	11,1%	56,8%	13,8%				

Fonte: Elaboração própria.

Por último, gostaríamos de avaliar quanto o aumento da renda dos adultos no período recente explica as variações das probabilidades de se encontrar nas diferentes situações de estudo e oferta de trabalho. A Tabela 8 mostra a variação total desses percentuais entre 2005 e 2012 e as contribuições do crescimento da renda média dos adultos no mesmo período. As contribuições foram simuladas a partir das probabilidades preditas conforme a equação (3), nos pontos de renda dos adultos correspondentes às médias de 2005 e 2012.

Podemos observar que com a nossa especificação principal, a simulação mostra que o aumento da renda dos adultos explica cerca de 20% do crescimento da situação exclusiva de estudos, e cerca de 60% da queda da participação exclusiva no mercado de trabalho. Nossas simulações mostram, no entanto, que o aumento da renda teria levado a uma redução da situação “nem-nem” e crescimento da participação simultânea na força de trabalho e nos estudos, o que não foi observado. É possível que outros fatores tenham mais do que compensado o efeito do aumento da renda sobre as probabilidades, de modo a levar àqueles resultados observados.

Tabela 8 – Variação de Probabilidades e Contribuição da Renda dos Adultos – 2005-2012

	Estuda e PEA	Só Estuda	Só PEA	Nem-nem
Observado	-4,30 (100%)	4,28 (100%)	-2,00 (100%)	2,02 (100%)
Especificação Base	0,57 (-13,2%)	0,85 (19,8%)	-1,22 (61,3%)	-0,19 (-9,3%)
Int. Adulto com EM	0,30 (-6,9%)	0,36 (8,5%)	-0,57 (28,5%)	-0,09 (-4,4%)
Int. Adulto com ES	0,48 (-11,1%)	0,74 (17,3%)	-1,02 (51,1%)	-0,20 (-9,7%)
Int. Jovem com EF	0,52 (-12,1%)	0,84 (19,7%)	-1,11 (55,7%)	-0,25 (-12,3%)
Int. Jovem com EM	0,36 (-8,5%)	0,86 (20,2%)	-0,95 (47,5%)	-0,28 (-13,7%)

Fonte: Elaboração própria.

6. Conclusões

As probabilidades de escolha entre as quatro situações de estudo e oferta de trabalho abordadas nesse artigo são influenciadas por diversos fatores. No presente artigo, procuramos examinar os determinantes dessas escolhas, com ênfase nos efeitos da renda domiciliar dos adultos. Verificamos uma forte dependência dos jovens em relação à renda domiciliar, o que pode explicar em parte a recente queda na taxa de participação dos jovens no mercado de trabalho e crescimento daqueles que só estudam frente a incrementos salariais reais dos adultos no Brasil.

Essa influência é ainda maior caso os pais tenham escolaridade maior. A renda domiciliar e a educação dos pais, dessa forma, parecem proporcionar condições para melhor qualificação dos filhos, que passam a se dedicar mais aos estudos, mesmo com as pressões para ofertar trabalho. Ou seja, os pais passam a cobrir o custo de oportunidade dos jovens trabalharem.

Em contraste, os efeitos da renda são variados conforme a escolaridade dos jovens. Quando esses são menos escolarizados, com o Ensino Fundamental incompleto, a renda possui efeitos comparativamente maiores para a redução da probabilidade da situação “nem-nem”. Com o Ensino Fundamental completo, os efeitos da mesma variável são mais positivos para a dedicação exclusiva aos estudos e mais negativos para a participação exclusiva no mercado de trabalho. É possível que para os jovens com maior escolaridade, a opção pela continuidade

dos estudos dependa mais da possibilidade de adultos cobrirem o custo de oportunidade do mercado de trabalho. Quando os jovens possuem o Ensino Médio completo, os efeitos da renda para os estudos simultâneos à participação na PEA ganham mais importância. Além disso, o efeito da renda sobre a probabilidade de ser “nem-nem” nesse nível de escolaridade se torna positivo, ainda que bastante reduzido.

Também vimos que outros fatores importantes que influenciam a escolha dos jovens estão no próprio domicílio em que ele vive. Além da renda dos adultos, há impacto positivo para a escolha de estudar caso exista a presença dos pais, de outros adultos e de idosos. Ao contrário, a presença de crianças no domicílio possui efeitos no sentido de retirar os jovens dos estudos e também do mercado de trabalho.

Em uma investigação focada no período mais recente, observamos que o crescimento da renda dos adultos entre 2005 e 2012 explica 60% da redução da participação exclusiva na PEA e possui participação significativa (20%) no aumento da situação exclusiva de estudos. No entanto, esse aumento de renda não explica as variações nos outros dois percentuais.

O processo de incentivo à educação é lento e custoso, porém necessário para que o cenário do mercado de trabalho dos jovens continue favorável no longo prazo. Os impactos positivos da educação são essenciais para o aumento da produtividade do trabalhador, mas também são importantes para alimentar o ciclo de incentivos passados no ambiente familiar e domiciliar, com o apoio financeiro proporcionando melhorias nas oportunidades para o jovem se qualificar e ingressar no mercado de trabalho com melhores salários e maior estabilidade.

7. Bibliografia

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. O que Estão Fazendo os Jovens Que Não Estudam, Não Trabalham e Não Procuram Trabalho? Boletim de Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise, Rio de Janeiro, No. 53, nov. 2012 (Nota Técnica).

CORSEUIL, C. H.; FOGUEL, M. Uma Sugestão de Deflatores para Rendas Obtidas a Partir de Algumas Pesquisas Domiciliares do IBGE. Rio de Janeiro: Ipea, jul. 2002 (Texto para Discussão, n. 897).

CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M. Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. Rio de Janeiro: Ipea, jun. 2001 (Texto para Discussão, n. 797).

FLORI, P. M. Desemprego de Jovens no Brasil. Revista da ABET, Paraíba, Vol. 5, No. 1, pp. 29-60, 2005.

INSPER. Centro de Políticas Públicas. Panorama Educacional Brasileiro. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.insper.edu.br/cpp/panorama-educacional-brasileiro/>

MENEZES-FILHO, N. A.; CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K. A Condição dos Jovens “Nem-nem” é Permanente? CPP Policy Paper nº7, ago. 2013. Disponível online em:

http://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2012/05/PolicyPaper_Condicao_NemNem.pdf

NGUYEN, A. N.; TAYLOR, J. Post-High School Choices: New Evidence from a Multinomial Logit Model. Journal of Population Economics, Vol. 16, No. 2, pp. 287-306, mai. 2003

SILVA, N. D. V.; KASSOUF, A. L. O Trabalho e a Escolaridade dos Brasileiros Jovens. Anais do XIII Encontro da ABEP. Ouro Preto: ABEP, 2002.